

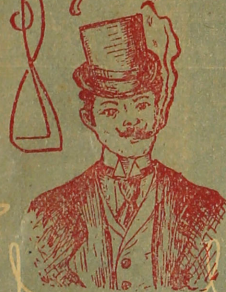
A NOVELLA Nº 1 60RS

Sherlock Holmes "INTRUJADO."

POR

JACK O ESTRIPADOR

CADA NUMERO UMA NOVELLA COMPLETA



DOIS CRIMES



JACK, o estripador - 1.º Crime da série

Edição de A POLYCOMMERCIAL S.A. - LACANTARA Nº 41, A.B.C.M.
LISBOA - PEDRO TODD
PROPRIETARIO - ARMENIO MONTEIRO

DOIS CRIMES

por Ponson de Marne

CAPITULO I

O personagem

N'uma sala d'um palacete situado mesmo em frente do caes de Westminster, um homem de estatura mediana, cabellos fartos e olhar brilhante passeia agilmente.

Pelo seu vestuario se vê que é homem de fina sociedade e pelo luxo do aposento se reconhece facilmente que não é pobre...

De quando em quando leva as mãos á larga e espaçosa testa e exclama: *não pôde ser!*...

Este senhor Sherlock Holmes, é, por força, um cavalheiro de industria a quem a sorte muito protege, e que se intretém nas horas de ocio a intrujar a policia!...

Os seus processos dedutivos... ora adeus!

Uma simples fibra de tabaco n'um lenço, um simples cabelo encontrado nas mãos do cadaver, uma simples palha caída

no fundo d'uma carruagem, são-lhe indicio, são-lhe caminho, são-lhe emfim o cordão humbelical do criminoso!...

E a verdade é que não se ouve fallar mais do que em Sherlock Holmes!

E' Sherlock Holmes para aqui, Sherlock Holmes para ali; é o Deus de uns, e o diabo de outros...

Ha muito que me contende com os nervos e aqui estou disposto a fazer-me criminoso para provar que os seus methodos dedutivos são tudo quanto ha de menos capaz para descobrir criminosos...

Mas..., e aqui está o caso, elle conclue sempre *á merveille*...

Logo...?

A sorte! Eu sou um tanto propenso a crêr na previa demarcação da vida do homem pela providencia...

Crendices dos meus tempos de India!

Talvez; mas em todo o caso eu aceito como bom este pensar...

Estou convencido de que os meus papiros de medico que tanto renome me crearam na India, como os louros que a minha carta de advogado me tem dado em Inglaterra, me farão aindo um bom

viço na campanha que pretendo tentar contra esse fallado detective policial.

Holmes é alto, esguio, facilmente se metamorphoseando em velho, em garoto, em marinheiro, em chimico, em physico, em... o diabo!

Pois muito bem! Eu saberei acompanhá-lo em todas as suas phases, para o burlar, para o comer, para satisfazer quanto mais não seja que a minha vaidade, o amor proprio de quem se propõe fazer das suas deducções campo de acção para o enganar, para evidenciar que elle vale pouco, fóra do palco de theatro de 4.^a ordem!

Holmes, grande Holmes, vaes haver-te com Joseph Smith o advogado, com o doutor Fritz John da India, e com o futuro estripador, teu competidor na pratica do crime! Sim porque tu és um criminoso, muito mais temivel que qualquer outro!

E fumando o seu charuto havano, passeava d'um para o outro lado da casa, concertando planos, dispondo pensamentos.

Quem da rua procura-se saber o feliz mortal que habitava o palacete em que penetrámos e onde ouvimos o monologo que acabamos de descrever, não teria muito trabalho. Por sobre a porta d'entrada uma taboleta em caracteres gothicos, a claro punha a entidade.

Joseph Smith

Advogado

E quem tivesse algum tempo de vida londrina, saberia que o advogado Joseph Smith era um dos mais distinctos causidicos inglezes, e o unico que sempre se offerecia para patrono dos accusados por Sherlock Holmes.

O tribunal sempre encontrava maneira de ar dos methodos deductivos do

grande policia, como elle lhe chamava, e em mais d'um caso havia obtido para os accusados absolvição...

Porque embirrava Joseph Smith com Sherlock Holmes?

Porque embirrava — eis tudo!

O filho de Conan Doyle parecia-lhe um charlatão, com grande protecção do acaso, vendo um pouco mais que os policias de officio, destemido, e... apanhando sempre um criminoso!...

Criminoso?!

Criminoso para elle, para a sua gloria, para o seu eu — dizia Smith — mas criminoso perante a lei, criminoso pela lei reconhecido como tal, poucas vezes!

Elle andou, ouviu, escondeu-se, luctou, tomou notas e enfim prendeu...

Trazendo provas ao tribunal?

Não! Deduzindo, cheirando, disfarçando-se, e apalpando!

Elle é a prova, a testemunha, o accusador — tudo!

Bolas!

...e aquelle doutor Watson que o segue, que o atura, que o escuta, que o admira é bem logicamente um pedaço de asno!...

Holmes se apanha uma ponta de cigarro proximo do local do crime, é um indicio que breve transforma em prova; se encontra uma agulha é um agente de não pouca importancia para a reconstituição do crime; se apanha ali á mão um individuo com cara de criminoso já o não larga, é uma pista, é um caminho que quasi sempre não tem que largar, porque por lá vae... dar a Roma!

Meu caro amigo Holmes! Parece-me que te darei ainda muito que fazer!

CAPITULO II

**O assassinato
de Miss Elking**

Sobre o monologo a que acabamos de assistir haviam passado quinze dias, e fazia grande ruido em toda a Grã Bretanha a prisão effectuada por Sherlock Holmes, de Lord Marcial como auctor do assassinato de Miss Elking, cantora afamada do Café Imperial.

Esta Miss Elking era uma americana archi-milionaria a quem a bolha atirára para o tablado dos cafés para fazer successo!¹

Tendo uma plastica muito mais admiravel que a sua voz, tendo milhões ainda mais admiraveis que a sua plastica, depressa se tornou conhecida e requestada.

Lord Marcial sendo dos que mais assiduos eram em volta d'ella, era tambem dos mais necessitados dos seus milhões.

Foi Joseph Smith constituido pelo Lord, seu patrono. D'este obteve a certeza de que não fôra o auctor do crime sendo certo comtudo que a acompanhára a casa no seu trem.

Como se déra o caso de tendo-a acompanhado a casa no trem, ella apparecer assassinada no vestibulo, pouco depois, não o sabia explicar, mas garantia que não saíra do trem e que nada ouvira de anormal.

O facto de ter a assassinada dentro da mão, cerrada, um pello de barba, que com os seus se parecia, e n'algibeira ter unicamente o seu, d'elle Lord, cartão de visita, bases, segundo acreditava, que conduziram Sherlock até elle, não lhe pareciam grande coisa, porque sendo elle noivo, não official ainda, de Miss Elking, mas tendo com ella certas liberda-

des, facilmente ao passar-lhe ella a mão pela barba lhe ficaria agarrado a qualquer ruga da pelle um cabello, e no trem haviam-se beijado e ameigado; e quanto ao cartão de visita era muito mais simples ainda o caso.

Deforma que, dizia Smith, o Lord me garante que não teve qualquer interferencia no caso....

—Nenhuma.

—Sob palavra d'honra?

—Sob palavra de honra. Mais: o doutor vá com esta certeza: se eu fosse o criminoso confessar-lh'o-ia, pedindo á sua lealdade a guarda da confissão.

—Está bem!

—Mas o doutor raciocinando um pouco vê logo que o meu prejuizo por tal assassinato foi completo. Miss Elking que tinha commigo já, umas relações maritae, havia-me dito n'esse mesmo dia que logo que terminasse o seu contracto, para o que faltava pouco, se declararia officialmente minha noiva, partindo logo os dois para a America, onde se realisaria o casamento.

Ora como toda a Londres sabe, Miss Elking tinha fortuna pessoal muito grande em deposito em conta corrente em varios bancos mundiaes.

Matando-a para a roubar nada lucrava porque a fortuna me não viria parar as mãos.....

—Essa supposição não entra nas deducções do policia Holmes, poisque no seu relatorio diz ignorar os fundamentos do assassinato, que, porem, não é provavel ter sido o roubo, sendo de querer que Miss Elking se recusasse a acceitar a sua mão e que após violenta discussão o senhor, perdida a razão, a matasse.

—Nenhuma discussão tivemos nunca!

—Eu já fiz ouvir as declarações do cocheiro da Miss Elking que, não sei porquê, d'esta vez não foi ouvido pelo grande policia, o qual garante que nunca ouviu

qualquer palavra mais alta entre sua ama e o senhor, e que, pelo contrario, mais d'uma vez os viu abraçando-se e acariciando-se.

—Já vê o doutor que isso é importante.

—Sem duvida.

Alem d'isso Holmes teve uma razão fundamental para não levar o roubo em linha de conta: as joias de Miss Elking que eram muitas e de merecimento; sendo só por si, o collar de perolas que tinha ao pescoço, uma fortuna, não desapareceram.

—Pois bem ao contrario d'isso eu acho muito extraordinario que o mobil do crime não fosse o roubo.—Segundo a policia tudo estava intacto, nem a mais leve falta nos ornamentos que sobre si tinha Miss Elking, nem no palacio. Ella mesmo foi morta por estrangulação, segundo afirma o medico, mas não ha vestigios de dedos no pescoço.

—Ahi tem o doutor uma coisa singular: eu matei a minha noiva no auge da cólera, no entretanto fui tão cauteloso que não deixei vestigios...

—Sim, é extraordinario.

—Eu, doutor, affirmo ainda que houve roubo.

Eu vi-a entrar o vestibulo do palacio, de lá me disse ainda adeus, enquanto o seu cocheiro fazia rodar o trem para me conduzir a casa.

Vi o porteiro perfilado perante ella...

E o porteiro... que diz?!

—Diz que Miss Elking entrou, subiu e elle se foi deitar. Pouco depois ouviu a porta fechar-se com estrondo e veio, em ceroulas, vêr o que seria, e encontrou Miss Elking, já morta, no vestibulo.

A creada de quarto diz que o senhor pouco depois de ter entrado a ama, entrou tambem, que foram os dois para o *boudoir*, e ella, creada, se foi deitar.

Ora como o amigo sabe não chegou a ir para casa no trem, mandando o cocheiro párar e apeando-se, a poucos passos da casa d'ella.

—Como sempre fiz.

—Conclue a policia que o sr. voltou a casa de Miss Elking e praticou então o crime.

—Não voltei juro-o.

—A creada jura que sim, que o viu, que lhe fallou.

—Ha engano, ou... patifaria da creada. Eu não voltei, fui para casa.

—Mas chegou ali muito tarde, segundo os seus creados.

—Cheguei porque fui muito devagar, nem dando pela demora, tão contente estava com o que Elking me havia dito.

—A creada já esteve preza e manteve sempre as suas declarações.

A policia sabe que ella veio da America com a Miss e que lhe éra muito dedicada; alem d'isso não conhece nada nem ninguem em Londres.

Já tem até promptas as suas coisas para voltar á America; estando já em Londres um irmão da assassinada para levar o espolio...

—Bem; eu tratarei com cuidado o seu caso, e creio não será difficil salvá-lo de taes apparencias comprometedoras.

CAPITULO III

Jack, o estripador

Pela rua Glouster, no bairro mal afamado de Whitchapel, segue despreocupadamente um burguez gordo e baixo. Não tão despreocupado que o seu olhar não procure encontrar certo numero de policia...

Em frente d'uma taberna mal frequentada, mal illuminada e limpa. parou. Teve certa relutancia em entrar, mas tomando animo entrou.

Relanciou a vista pelos circunstantes e tendo avistado quem procurava, foi apresentar-se-lhe.

— John!

— Olá! Quem é você?

— Joseph Smith.

— O advogado?!

— Sim.

— Mas... que gordo estás? Como te desconheço!

— Esta gordura é aparente.

— Quem te conduziu até aqui?!

— A necessidade de te fallar!

— Nunca me procuras-te, não julguei que soubesses que eu ...

— Eras bebedor, e...

— ladrão!

Infelizmente sou isso que dizes e disse.

A' infelicidade d'esta perdilecção pelo vinho devo toda a desgraça da minha vida — desde a expulsão da universidade até cair no bairro Whitchapel...

— Regenera-te!

— Bonito de dizer! Isto é a fatalidade.

— N'ella creio.

— Mas como soubes-te?...

— Que por aqui vivias? Pela policia.

— Mas a policia conhece-me só pela antonomazia de Jack...

— Ingenuidade! A policia sabe quem

és de onde vens e até, creio, para onde vaes...

Os donos d'estas baiucas, dão todos os informes precisos.

— Não sabia.

— Saiâmos d'aqui.

— Procuras-te-me, logo queres de mim alguma coisa.

— Quero, mas vem a minha casa, porque me repugna estar aqui.

Seguiram os dois, n'um trem silenciosos, até ao palacete do caes Westminster.

Ahi chegados o doutor Joseph Smith, mandou o seu amigo tomar banho vestir, um fato que lhe forneceu e esperal-o no escriptorio.

Passada uma hora voltando a encontrarem-se, foi o doutor Joseph Smith quem fez a primeira pergunta.

— Conheces o caso do assassinato da cantora Miss Elking?

— Conheço.

— E's de parecer que foi o Lord quem matou a rapariga?

— Não sei.

— Fala com franqueza. Sob minha palavra de honra estou só, e por que te faço estas perguntas breve t'o direi.

— Conheço.

— Acreditas que fosse Lord Marcial quem a assassinou?

— Não. A morte de Elking, quanto a mim, foi obra de roubo.

— Roubo não, pelo menos presumível, porquanto as joias estavam todas intactas....

— Estavam?! Duvido.

Tu viste-las?

— Não.

— Pois eu acredito que estavam simplesmente substituidas.

— A creada particular de Miss Elking reconheceu-as.

— E quem te affirma que a creada....?

Eu sei que ha uma *companhia*, que por signal tem um titulo pomposo, forma-

da por *gabirús* de vária ordem, que usa fazer esse roubos pelo seguinte processo:

A victima é seguida, expionada não só nos usos e costumes, como no valor das suas joias.

Um habil joalheiro que faz parte da *companhia*, imita, em ouro, as joias a roubar, substituindo os brilhantes de primeira agua por outros de primeira agua... falsa, mas que são de imitação tão perfeita que os proprios joalheiros teem dificuldade em se pronunciar.

A ti eu sei que já te roubaram os aneis por este processo....

—A mim?!! Essa agora!...

—Pois é facil de verificar se ainda conservas os mesmos aneis de ha dois annos e.... o mesmo relógio....

—Conservo.

O relógio é este e estes os aneis.

—Muito bem; manda averiguar do valor das pedras que cravejam o relógio e das que teem os aneis. Se são os mesmos — são falsas as pedras.

—Mas como foi isso feito?

—Não sei, mas calculo que o teu creado de quarto pertencia á *companhia*, e por ella foi encarregado d'esse serviço...

—E' extraordinario!

—E', mas creio que me não chamaste para isto.....

—Não, positivamente.

Mas sobre isto desejo me dêis mais circunstanciadas noticias.

Primeiro porem desejo saber como estás tão em baixo....

—Não estou, como apparento, muito desgraçado; ainda conservo alguns bens dos que me deixaram meus paes, mas em Whitchapel é preciso este vistuario ignobil.

....um bebedo, com outros bebedos indecentes se quer!...

—Desgraçado!

—Sim, desgraçado; mas.... é a sorte!

Bem: vamos ao que importa!

—Diz-me, pois, o que pensas promonorizadamente do caso de Miss Elking.

—Já te disse tudo.

—Vá: põe-te á vontade. Tu conheces o caso muito melhor do que queres fingir.

Tu entraste na obra!...

—Juro que não.

Em roubos entro — assassinatos não.

De resto não pertenço á *companhia*.

—Supõe que acredito. Mais tarde dirás a verdade.

Conheces Sherlock Holmes?

—De nome somente.

—Pois esse homem pelos seus processos de dedução fila todos os criminosos.

Todos diz elle! Eu affirmo o contrario.

Agora no caso Elking filou elle Lord Marcial que está innocente.

A policia, com a pasmosa estupidez que a caracteriza — aqui e em toda a parte, affirma ser elle o criminoso, com fundamento.... em que o prendeu Sherlock Holmes....

E eu com a certesa de que Lord Marcial não cometteu o crime affirmo estar elle innocente!..

—E creio que tens razão.

—Ora eu estou disposto a provar que o tal senhor Sherlock não passa d'um parlapatão, e para isso preciso entender-me contigo.

—Como queres fazer isso?!

—Fazendo-me criminoso!

—Perde tal ideia, Joseph!

—Não perco! E' uma obsecção do meu espirito; é uma necessidade imperiosa do meu cerebro e que os meus musculos executarão ..

—Mas como pretendes tu realizar esse plano?

—Matando!

—Matando?!

—Sim matando. Ha ahi, por essa capital, muitas desgraçadas, novas e velhas,

para quem a vida é um pesado fardo. Pois bem: — livram-se d'esse fardo!

— Homem, aconselho-te a que percas essa ideia. Tu és um homem de bem.

Deixa o Sherlock e os criminosos. Não te mettas em tal.

— Preciso que me apresentes ao chefe d'essa *companhia* de que ainda agora me fallas-te.

— Homem, raciocina!...

— Se não comsigo o que pretendo, dou um tiro nos miolos!

Sou solteiro, tenho fortuna, e tenho nome.

Pois bem: tudo isso eu contraponho aos methodos dedutivos de Sherlock Holmes...

E' uma guerra... em que os bellicantes não chegam talvez a encontrar-se cara a cara...

— Bem! Apresentar-te-hei.

A' noite ás 8 horas, está na *Taberna do Olho de Boi*.

— Dito. Lá estarei.

— Adeus!

— Toma nota, dizia Joseph Smith, apertando a mão do amigo, que desde agora me chamo Jack — para a *companhia*. Para a policia e para o publico sei **Jack o estripador**.

CAPITULO IV

Jack entra para a companhia

A's 8 horas encontravam-se na *Taberna do Olho de Boi*, um velho marinheiro, baixo, atarracado, de barbas brancas mal cuidadas.

Com elle conversava Jack, vestindo novamente a farpela que havia despido em casa de Joseph Smith.

— Estás muito bem desfarçado Smith. Creio que o proprio Sherlock não saberia que ahi está o seu inimigo mais singular..

— Sobra-me a vontade de poder chegar a conversar com esse senhor mais d'uma vez por dia em *travestis* diversos, e sem que elle saiba que é sempre o mesmo homem!

— Estou convencido que o consegues.

— Espero-o; assim como já acho demasiado tarde para ser apresentado a s. excellencia o... *director da companhia*!

— Ha de entrar primeiro o lugar tenente que nos conduzirá.

Não tenhas porem pressa que estamos perto e bom caminho!

— Boa noite Jack, gritava um marinheiro forte e espadaúdo que acabava de entrar.

— Boa noite Bobi!

-- *I Money?*

— *Money I!*

Era a senha entre os membros da sociedade.

— Podemos seguir? Perguntou Jack.

— Avante!

Jack fez signal ao velho marinheiro que immediatamente se levantou.

Bobi seguindo á frente subiu a escada que conduzia ao primeiro andar.

Com facilidade fez deslocar do lugar em que se encontrava um, aparentemente, pesado guarda fato, ficando no seu lugar aberta a entrada para uma escada. Bobi mandou passar os dois companheiros, e foi o ultimo a descer os primeiros degraus da escada, fazendo depois com certa força, rodar o soalho sobre o qual estava o guarda-fato, até fechar a abertura...

Desceram. No final Bobi accendeu um pavio. Carregou sobre certo ponto da parede, e esta deslocando-se deixou aberta a passagem para um estreito corredor em declive.

Passaram os tres. Percorridos uns trezentos metros o corredor terminava n'uma parede.

Aqui, disse Bobi voltando-se para os companheiros, teremos que vender os olhos ao novo socio.

Só depois de iniciado terá o direito de conhecer todos os nossos segredos.

— Prompto! respondeu o velho marinho que outro não era senão Joseph Smith.

Rapidamente lhe foram vendados os olhos. De seguida Bobi bateu 2 pancadas na parede gritando a cada uma Bo... bi...

A parede moveu-se vagarosamente, deixando a descoberto novo corredor d'esta vez porem já illuminado a luz electrica.

Já distinctamente se ouviam o tenir de copos e as gargalhadas argentinas de mulheres.

Bobi caminhava na frente, tendo recomendado ao vendado a maxima cautella em não se encostar ás paredes não fosse tocar nos botões electricos que descarregavam sobre o caminho violentissimas correntes, o que lhe podia ser fatal.

De repente Bobi parou e encostando-se á parede deixou passar Joseph Smith, que seguindo em frente bateu com o corpo no *terminus* do corredor...

Então sem qualquer aviso a parede moveu-se e os tres homens passaram.

Smith sentiu-se seguro por duas violentas mãos, ao mesmo tempo que ouvia gritarem-lhe: tira a venda!

Joseph Smith atirou fóra a venda, e se outro homem fóra, ficaria petrificado tal o aspecto do aposento em que se encontrava sósinho, entalado entre dois braços de madeira...

Uma lampada fosca pendia do teto, sendo as paredes forradas de pannos pretos. No chão, ao comprido, o cadaver de uma mulher que parecia ainda quente;

sobre a sua cabeça, suspensa, uma espada...

Smith não se moveu, nem pestanejou, crente de que era espionado, e habituado já áquellas surpresas nas sociedades secretas da India, de que havia feito parte.

Reparou que um dos seus braços continuava livre, e puchando d'um charuto accendeu-o com a maior naturalidade.

Alguns instantes depois ouvia perguntarem-lhe, sem poder precisar a direcção do som e sem vêr quem lhe fallava: — **a que vens?!**

Serenamente respondeu--**a matar!**

— Crava o teu punhal n'esse cadaver.

Quando a vós terminava a phrase as mãos de madeira que seguravam Smith desapareceram.

Serenamente Smith puchou do punhal e ia a craval-o no cadaver quando este desapareceu, ficando em seu lugar um buraco que pelo cheiro e pela luz ambiente, Smith conheceu distinctamente conduzia ao collector dos esgotos.

— Então? perguntou novamente a voz.

— Fugiu, respondeu Smith sempre sereno.

Retumbaram então sonoras gargalhadas e abrindo-se uma porta Smith foi impellido para um enorme salão, luxuosamente decorado, onde dezenas de individuos dos dois sexos se intretinham conversando, jogando o bilhar, o brigde, tomando cerveja, bebendo licôres, etc...

Smith ficou prelexo; por tudo esperava menos aquillo!

Ninguém ali tinha o aspecto de um gatuno; ninguém vestia mal. Tudo pareciam lords; tudo gente da alta roda...

— Admira-se? Dizia-lhe amavel um sujeito baixo, bem posto dentro da sua sobrecasaca chic.

A minha gente é toda de sociedade...

— V. Excellencia é?!

— O director, para o servir.

Conheço muito bem o doutor Joseph

Smith e muito me alegra contar no numero dos nossos, tão preclaro cidadão...

— Realmente eu estou admirado, e a mim pergunto se o meu amigo me não logrou!...

— Absolutamente não!

Vou apresentar-lhe uma pessoa sua conhecida...

Pst... Miss Boston!... Apresento-lhe o sr. doutor Smith que deffende Lord Marcial...

— Muito gosto...

— Mas, dizia Smith, não me engano! E' a creada de quarto de miss Elking?!...

— Eu mesma!..

Aproveito a occasião para lhe dizer que tenho empenho em que salve o Lord d'aquella espiga... E' muito sympathico!

N'esta altura o director travando-lhe do braço, conduziu Smith em visita a toda a *séde social*, não se esquecendo de, por galanteria, lhe apresentar o creado que lhe roubara as joias trocando-as por outras falsas.

Havia ali muita gente conhecida e cotada como honestissima.

— Então isto é?!

— A *séde social*. *The lerned confederation*.

Compreende que o gatuno, o assassino tem direito tambem a um relativo bem estar; a gosar o producto do seu trabalho as mais das vezes arriscado.

— E' um principio anarchista dar a cada um segundo as suas necessidades; ora nós não nos occupamos senão dos que teem de mais, tirando-o para nós que temos de menos...

Aqui vivemos muito regularmente. Ha socios que só saem para tratar dos seus negocios.

Como tem visto aqui não falta nada.

— Mas a entrada é só aquella?!

— Não! Por ali só se entra no inicio ou em caso grave. Aquella passagem que nos conduz um tanto distante d'este pa-

lacio, só serve para saída em caso de visita policial—que até agora não tivemos.

A saída habitual faz-se por tres partes distinctas: o restaurant Central, o café Royal que como sabe dá saída para tres ruas, e pela agencia do Banco Bristol.

Vamos para o meu gabinete conversar sobre a sua inscripção.

Logo que Joseph Smith poudes, voltou a encontrar-se com Miss Boston.

— Diga-me, Miss, como poudes garantir á policia que viu Lord Marcial em casa de Miss Elking na noite do seu assassinato?

— Então queria que fosse dizer-lhe que fui eu que me vi forçada a matal-a, apertando-lhe o pescoço?

— Foi a Miss?!

— Sim, fui.

— Conte-me isso!

— Com todo o gosto. O doutor é dos nossos e por consequencia pode conhecer o caso em toda a sua extensão.

Principio...

Aqui ha annos fui para a America, por ordem da confederation, em busca de Miss Elking, que então dava brado nos salões de New Iork pela riqueza dos seus adresses, maravilhas avaliadas em muitos milhões.

Ceguei a America quando principiam a tomar um pouco o cerebro da Miss os fumos da gloria de cantora afamada...

Como era muito requestada nos salões e lhe diziam maravilhas da sua voz, julgava-se uma celebridade perdida, como as violetas no matto...

Não me foi difficil entrar para o seu serviço, e ainda menos difficil foi insinuar-me no seu animo...

Uma vez em que me fallou em fazer uma *tourné* pela Europa como cantora, aplaudia muito no seu proposito; e desde ahi, dia a dia, lhe fui lembrando e desenvolvendo aos olhos o *monstruoso* problema da sua gloria...

Apoz certa resistencia, e levou um anno a resolvel-a, recebi ordem de apromptar as malas.

Principiamos por Londres.

Decorreram os mezes sem porem haver facilidade em me apoderar das suas joias para fazer as trocas em que sômos mestres, porque ella as tinha quasi sempre depositadas nos cofres fortes do banco allemão, indo até, muitas vezes, lá collocar-as sobre si e lá deixal-as.

Uma vez que lhe perguntei porque se dava a esse trabalho, respondeu-me que Londres estava cheia de ladrões, que d'uma especie d'elles tinha especialmente receio — dos que se chamavam *lords*...

Tinha em casa as joias de uzo commum e mais nada, e esses não satisfaziam...

O collar de brilhantes que ella tinha ao pescoço quando appareceu morta e os braceletes que estavam no seu tocador valiam uns dez milhões de francos.

Raras vezes ella as tinha como já disse, em casa, e na noite do crime eu quiz aproveitar um d'esses acasos raros para fazer a troca. Tinha tudo preparado.

Ministrei-lhe no chá um narcotico, mas em tão pequena dose que não sortiu o desejado effeito.

— E porque não ministrou maior dose?

— Porque ella tinha um paladar muito fino e ao menor gosto estranho atirava com tudo fóra.

— Mas ella era desconfiada?

— Com as suas joias muito; no resto nunca vi que tivesse qualquer apreensão.

— Continue, minha amiga.

— Entrei no quarto com todas as precauções. O cofre estava sobre a banquinha de cabeceira, mas qualquer não o podia tirar d'alli porque a banquinha tinha um tampo falso, em ferro, que tinha duas fortissimas molas d'aço que seguravam o cofre. Eu conhecia o mechanismo e as ligações do cofre com a campainha electrica collocada por detraz da cama de Miss El-

king e podia ter tirado o cofre; mas por qualquer razão e creio que foi pela frouxidão dos sentidos produzida pelo narcotico, a chave ficou-lhe no seu logar, isto é — na fechadura do cofre.

Abri o cofre e preparava-me para trocar as joias quando o quarto se illuminou intensamente e vi Miss Elking assombrada com o revolver que sempre trazia consigo, apontando-m'o friamente...

Toda a gente ella esperaria encontrar a roubar-lhe as joias, menos a mim, sua amiga, sua confidente, pessoa em quem depositava confiança.

Os seus momentos de exitação foram-lhe fataes...

Puchei rapidamente d'um frasco contendo um violento narcotico, frasco que sempre trago commigo, e que me forneceu um indio da Carolina, atirei-lhe á cara com parte do narcotico e ella caiu novamente sobre o travesseiro, inanimada.

Rapidamente fiz a troca das joias.

Fugir era lançar a policia no nosso rasto — o mais pratico era matal-a.

Abri-lhe os queixos, metti-lhe um lenço na bocca, tapei-lhe as narinas e compremi-lhe o coração com um joelho...

Pouco depois vestia, colloquei-lhe o collar e os braceletes falsos, repuz a cama no primitivo estado, arrumei o quarto e carreguei com ella até ao vestibulo...

Entreí no quarto do porteiro que dormia como um bemaventurado, atrazei-lhe e parei o relógio; ao sair bati com violencia a porta do seu beliche e rapidamente me fui deitar.

O homem accordou, saltou da cama com a impressão de que a porta da rua fôra violentamente fechada, e encontrou o cadaver ainda morno...

Um reboliço enorme na casa, de tudo pensavam menos de fazer a necessaria participação á policia — fui eu que mandei o cosinheiro ir fazer essa communicação quando me pareceu conveniente.

—Que coragem!

—Diga antes:— que necessidade!

Não é uso entre os membros da confederation matar por gosto; só em caso extremo recorreremos a eliminação. Mas quando somos forçados a isso, é quando devemos ter o maior sangue frio, a maior placidez — nem um vestigio, nem uma prova...

Eu tenho sinceramente pena de Miss Elking e de Lord Marcial, mas foram as circunstancias, o acaso, que me obrigaram e quando a força das circunstancias é mais forte do que nós, não á fugir-lhe...

—E', Miss Boston, uma criminosa digna do nome...

—Um dia tambem lhe hei de contar a minha vida e dar-lhe o meu verdadeiro nome...

Sympathiso com o doutor!

—Muito obrigado!

CAPITULO V

O primeiro crime

Na manhã do dia 17 de Janeiro de 189... apparecia na rua Gladston no bairro de Whitchapel, uma mulher morta com os intestinos espalhados por sobre o ventre e sobre elles preso com um prego o seguinte distico:

Jack, o estripador

1.º assassinato da serie que se propõe fazer
Aviso a Sherlock Holmes

Mal a policia teve conhecimento do caso logo telephonou para casa do policia amador para que fosse ao gabinete do inspector geral, poisque se havia perpetrado um crime na rua Gladston e que

sobre o cadaver havia um bilhete que era um perfeito desafio a Sherlock Holmes.

Holmes respondeu que iria immediatamente.

Meia hora depois dava effectivamente entrada no gabinete do magistrado.

—Bons dias meu caro Holmes!

—Bons dias presado senhor Whatmann.

Com que desafiavam-me?

—E' verdade!

Mandei que conservassem o cadaver tal qual estava para que o amigo procedesse ao seu exame e visse o bilhete sinistro.

—Vou immediatamente.

Tem qualquer recommendação a fazer-me?

—Absolutamente nenhuma. O meu amigo é bastante habil para necessitar prevenções, conselhos ou observações.

—Muito obrigado pela consideração.

Sherlock Holmes dirigiu-se immediatamente ao local do crime.

Ali estava um inspector e quatro agentes de segurança que urbanamente receberam Sherlock.

—Com que aviso para mim!?!

—E' verdade....

—Pois.... cá estou!

E vou já começar a minha tarefa.

Nunca ninguem apelou para Holmes que o não encontrasse pela sua frente.

E Sherlock Holmes começou o seu exame minucioso.

Nenhuns signaes de violencia, exclamou pouco depois, o que prova que esta desgraçada não foi apanhada de surpresa ou teve lucta, mas que ou estava dormindo ou muito satisfeita em companhia do seu assassino....

E o golpe direito ao umbigo indica que o farçante quer honrar a sua alcunha de estripador.

E... bem feito! Tem arte o patife!..

Baixou-se sobre a cara do cadaver,

que estava sobre a cama, e quasi lhe mettem o nariz entre os dentes.

A desgraçada estava ebria, cheira a alcool que tomba...

O fato sobre a cadeira demonstra que voluntariamente se havia deitado.

E examinou a cama em busca de qualquer coisa estranha...

Olá, exclamou, este cabello branco não tem parecenças com o cabello da morta que é louro; no entanto este cabello é de mulher...

Diabo!...

Já ha bocado notei que a letra do bilhete é de mão feminina e que, por signal, tem muita semelhança com a letra da minha creada...

E' bem extraordinario!

Continuou o seu exame com todo o cuidado.

Aqui está um promenor importante que me pode bem levar à descoberta do crime, recolheu cautelosamente um lenço de assoar que tinha a todo o cumprimento duas manchas de sangue em forma de lamina de faca, e que havia ido tirar á retrete.

Prompto, disse d'ahi a momentos ao inspector, terminei o meu exame.

—E que lhe parece tudo isto?

—Pequeno prejuizo social porque uma mulher d'esta láia, e de mais a mais tuberculosa no ultimo grau, não faz falta a não ser aos vendedores d'essas mexordias alcoolicas que bebem estas gentes...

Não tem atrevido mais importante este crime do que o de ter sido commetido — em honra aos meus meritos! E o magico julga que o não apanho...

Hei-de tentar: o convidado não se faz rogado para entrar na valsa!...

Sherlock Holmes apertou a mão do inspector, e quando ia a transpôr a porta olhou instinctivamente para esta e para a soleira, a vêr se podia descobrir qualquer indicio.

Junto á parte inferior da porta viu um boccadinho de chita, um pequeno farrapo usado, que guardou.

Voltando a traz examinou novamente o fato da morta a vêr se aquelle bocado pertenceria ás saias d'ella.

Nada, completamente differente, completamente perfeitas as saias...

A caminho de casa pensava—este crime foi, salvo outra opinião que factos posteriores me venham trazer, prepreto por uma mulher. A letra do bilhete é de mulher, o cabello é de mulher e ainda este bocado de chita...

Emfim vamos almoçar e depois pediremos ao tabaco uma inspiração...

Entrou em casa, almoçou, e depois recostou-se de cachimbo ao canto da bocca olhos semi-serrados, como quem dormita.

De repente deu um pulo na cadeira.

A saia da sua creada, que andava arrumando a casa, era igual ao farrapo que tinha encontrado em casa da assassina.

Começou a examinal-a com cuidado e viu que lhe faltava um bocado no folho com a configuração do que havia encontrado em casa da morta.

Chamou-a.

—Miss Marie onde passou esta noite?!

—Onde passei esta noite senhor Holmes?!

E' boa essa pergunta!—Aqui.

—Não saiu?

—O senhor Holmes bem sabe que tira a chave quando se deita, e que en só saio para ir comprar qualquer coisa que falte de manhã.

Holmes havia habilmente tirado da cabeça da miss um dos seus cabellos brancos.

Voltou a cair na somnolencia em que estava ao entrar a creada; mas logo que ella saiu foi examinará lente os dois cabellos...

Perfeitamente eguaes, exclamou! Signaes evidentes do uso e abuso do vigor Brown...

Mas esta miss Marie?!...

Não pode ser!

N'esse dia Holmes annunciou á creada que saia de Londres por uns dois dias, e que se viesse Watson lhe dissesse que estava n'um dos arrabaldes, que sendo preciso, o previniria do local.

Holmes, porem, não saíu das immediações da casa. Desejava conhecer quem o procuraria e o que fazia a creada.

Nunca a vi bebida, nem capaz de qualquer desobediencia, mas isto dá que pensar!

A letra é d'ella, o cabello idem, e a saia tem a falta do bocado que encontrei em casa da morta...

E' extraordinario!

Ainda não examinei o lenço mas amanhã verei; no entanto pela largura e feitiço da lamina parece uma faca vulgar de cozinha.

Holmes que se julgava só era por sua vez espiado...

O espião quando lhe pareceu conveniente saíu do seu esconderijo e foi como creatura assustada, tocar á campainha da casa de Holmes.

Pouco depois Holmes, que não podia ver o seu predio, via comtudo o individuo afastar-se tendo feito uns signaes para a janella e movido os labios...

Ora esta, exclamava, com que então a minha boa Marie dá-se ao prazer de frequentar Whitchapel, ter relações com gatunos e matar mulheres...

Bonito!

CAPITULO VI

Reconstituição do Crime

Holmes voltou pela tarde a casa e chamou a creada contou-lhe minunciosamente o crime da manhã, observando com cuidado os seus menores movimentos e fitando-a pertinazmente.

Na rua Gladston, dizia Holmes, no *explendido* bairro de Whitchapel, praticou-se a noite passada um crime de morte. Ora este crime vulgar, teve uma particularidade nova: — este bilhete deixado propositalmente sobre as tripas da assassinada...

Peço-lhe que observe a letra Miss Marie...

O caso passou-se pouco mais ou menos assim:

Miss Marie...

— ... Eu?!

— Fantazia minha...

Miss Marie, vá lá: esteve com aquella mulher a bebericar em qualquer esplanca do bairro, na taberna do tio John, o canhoto, onde foram vistas as duas bebendo como valentes, d'ahi foram para casa da assassinada, ahi por circunstancias ainda desconhecidas, mas que Miss Marie explicará...

— ... Eu?

— Suppondo...

— deu-se o assassinato. O bilhete é *méra formalidade* para desorientar.

A creada ouviu impassivel, e quando Holmes acabou só disse — E' horrivel, mas é já trevia n'esta funesta cidade de Londres...

— Mas ha mais, exclamou Holmes, já então hirto como se fôra a propria justiça:

Encontrei lá este bocado de chita que pertence á sua saia!...

— A' minha?!

— Sim, veja...

E Sherlock Holmes punha o bocado no local da falta da saia onde perfeitamente se adaptava.

E que diz a isto?!

— Que digo?!

Que hei de eu dizer? Que acho graça!...

— Sim?!

Pois então ouça ainda:

Encontrei na cama da assassinada este cabello branco que é egual exactamente aos seus. Como os seus demonstrando o uzo do vigor Brown, e o penteado no cattulo da cabeça, como vê pelas espiraes que forma deixando-o em liberdade...

— Ora essa!

— E concluo d'aqui...

— Que fui eu?!

— Exato!

— Pois se o methodo dedutivo do sr. Holmes dá sempre esse resultado—pode limpar as mãos á parede!...

— Negas então?

— Nego?

Nem a esse trabalho me dou!

— Então aqui tem a prova final e irrespondível, e mostrava o lenço de assuar sujo de sangue:

1.º este lenço tem as suas iniciaes M. B.

2.º este lenço é dos que usa.

3.º está aqui perfeitamente estampada a lamina da faca com que praticaram o crime, e corresponde exatadamente ás suas facas de cosinha...

E agora?

— Agora?

— Sim, como explica o caso?!

— Facilmente nao sei; mas contraponto ás suas deducções isto.

Lenços de assuar meus, e seus e de toda a gente, teem as lavadeiras trocado e perdido muitos.

O lenço é vulgarissimo e as iniciaes é bem facil fazerem parte do nome de outra pessoa; alem de que são tiradas de um mappa que quasi não ha ninguem que não tenha.

Quanto á lamina da faca, em qualquer loja de ferragens o senhor Holmes encontra dezenas d'ellas eguaes.

Os cabellos brancos não teem conto as centenas de pessoas que os teem, e vigor Brown estava servido o fabricante se eu só o usasse...

— Deforma que nega a sua participação no caso.

— Já disse que não nego, porque negar seria faltar á verdade, e para faltar á verdade preciso seria estar culpada...

— Pois bem— ante-hontem á noite estive no *Olho do Touro* na Glousterstreet com a assassinada a beber Rhum.

Saiu com ella e com ella a viram entrar na casa em que mais tarde se deu o crime...

— Com que viram-me, a mim?

Muito me conta o senhor Holmes!

— Mais:

Eu vi hontem tocar á campainha, um meliante que esteve fazendo signaes para as janellas. Não estando cá senão Miss Marie evidentemente eram para si...

— Póde ser, não dei por isso...

Senhor Holmes receio que o senhor esteja doido...

O seu methodo dedutivo poz-lhe os miolos a arder, e eu, passe por cá muito bem, vou-me embora!

— Mas não sem ir commigo á esquadra principal da policia.

— Será talvez a primeira violencia que o sr. Holmes me faz.

— E' criminosa.

— Com as *provas* que o senhor Holmes tem?

Ora deixe-me rir!

Isso não são provas são coincidencias.

A policia official segue outra pista e

por isso me não encommodo. Ella descobrirá o criminoso.

— Conte com isso! Se não fosse Miss Marie, como, em minha consciencia, e pelas provas que pussuo é, auctora do crime, entregando á policia official a sua sorte apodrecia na cadeia!...

Vamos embora!

CAPITULO VII

As provas do crime

— Não ha duvida senhor doutor Smith, as provas do crime são esmagadoras para Miss Marie.

— Sim?

— Ella nega, mas de pouco lhe vale negar.

— Vejamos essas provas.

— Pois não. El-as:

Miss Marie já veiu para aqui contar as lóas com que quiz intrujar Holmes, mas compreende V. Ex. que não colhe. Estamos muito batidos já!

Olhe v. ex.^a:

Este lenço não nega que é d'ella, mas para explicar a sua apparição n'este estado diz ella que as lavadeiras trocam e perdem muitos lenços, não sendo difficil encontrarem-se pessoas usando de lenços com iniciaes diversas das do seu nome.

Que o lenço é igual a milhões d'elles que ha em Londres.

— O que é verdade.

— A lamina da faca que aqui está fielmente retratada no lenço, diz ella que não é só das facas da cosinha de Holmes, mas que é de quasi todas as cosinhas londrinas.

— No que não mente.

— A letra do bilhete diz que está realmente bem imitada.

— O que pode ser.

— E até o retalho de chita que tão especialmente se ajusta á falta da sua saía, ella diz, achando no entanto o caso bizarro, que pode bem pertencer a outra saía porque as *Pompadours* estão muito em voga entre gente da sua cathegoria.

— Isso, pela configuração do boccado, é que já é menos facil ser como diz...

Mas podia ser-lhe propositalmente tirado da saía, para desnortear...

— Mas note V. Ex.^a que não tem visos de ter sido cortado, mas sim rasgado por um prego na precipitação da fuga...

— Não era difficil ter sido propositalmente assim rasgado, ou ter se-lhe a saía prendido em qualquer parte, e Jack, o estripador, conhecedor dos methodos deductivos de Holmes aproveitar o boccado...

— O bilhete de Jack, o estripador, é quanto a mim para desnortear...

— Mas sabe-me dizer os antecedentes de Miss Marie?

— Foi creada de quarto ahi n'uma casa rica de que o nome não vem ao caso, teve amores com o filho dos amos, dos quaes houve fructo, e quando estava proximo a dar á luz esse fructo, espulsa da casa onde servia, tentou lançar-se ao Tamisa. Holmes, appareceu casualmente, pode ainda salvá-la e levou-a para o hospita; ali teve a creança morta, crê-se que em razão do esforço que fizera para se lançar ao Tamisa, e Holmes conduzido levou-a depois para casa.

— Ha quantos annos?

— Dez.

— E até hoje portou-se bem?

— Lindamente — na apparencia, como vê!...

— E por essas só presumpções Holmes vem entregal-a á policia?

— Mas... certamente!

Com estes elementos facil foi reconstituir o crime!

Marie saiu de noite, com chave falsa

da casa de Holmes. Dirigiui-se a Whit-chapel, onde por certo ia muita vez nas mesmas condições, esteve beberricando com a tolerada que depois assassinou. Ebrias foram-se as duas para casa d'esta ultima e deitaram-se.

Depois ou porque os fumos da embriaguez a esta passassem e visse que eram horas de retirar sem delongas e a outra não quizesse, ou emfim por qualquer circumstancia que só ella poderá explicar matou-a.

— Com a faca da cosinha de Holmes... logo com permeditação...

— Não; a faca levava-a como arma defensiva, pois sabia o bairro em que ia metter-se.

— E levou de casa o bilhete feito...

Tambem não. A tinta do bilhete é d'um frasco que está sobre a meza da assassi-nada. Tinta barata, ordinaria.

— Deforma que?!...

— A mulher vae para a morte.

— Mas note que ella é franzina, deli-cada, e em nada se parece com uma crea-tura capaz de um crime tão barbaro. Porque n'este crime ha como se vê da participação requintes de malvadez, alem de um golpe muito certo, pois conse-guiu, um só, cortar a existencia, sem sof-frimentos, á pobre mulher...

— Todas as delicadezas e afeminamen-tos de Miss Marie são fingidos. São a ar-madilha para nos comer.

O processo está instruido e difficil-mente V. Ex.^a a tirará das suas malhas.

CAPITULO VIII

Holmes intrujado

— Vês Jack! — Holmes com a sua lo-gica deductiva entregou ao tribunal uma innocente que vem cercada das deducções

sherlockianas, da fama do seu nome, e da vontade policial de encontrar culpado para os crimes!

Afinal a mulher, nós o sabemos, está tão innocente do crime, como a nossa es-belta rainha!

— E' verdade!

— Ha uma *prova* que terei difficuldade em desmanchar — é o bocado da chita da saia.

— Tu sabes bem como foi isso...

— Sim, sei. A mulher foi á igreja e tu mandas-te uma outra mulher da *compa-nhia* pregar-lhe a saia ao soalho; ella quando se levantou fez certa força, a saia rasgou, mas por um estratagemma arran-jado pela outra, ella não deu por isso...

— Exato.

— Ainda um dia havemos de levar o proprio Holmes a entregar-se á policia como auctor do crime que procura des-cobrir!...

— A'pre!

— Tenho um grande amor ao seu me-thodo deductivo, e quando mais o estudo, mais me convenço que elle não vale um real.

Só encontro em Sherlock duas coisas acceitaveis — a sua força de vontade e a aptidão para o disfarce...

— Vaes então defender Miss Marie?

— Vou e hei-de livral-a se Deus quizer.

Não ha uma prova de peso, não ha senão dois meliantes a confessarem tel-as visto no *Olho de Touro* a beber, que, como sabes, estão comprados por Hol-mes.

Não ha difficuldade, mas se houvesse eu sabia como *removel-as*.

E por estes dias irei entreter-me com elle directamente. Dará brado o caso de os **quatro sem firma**.

A POLYCOMMERCIAL

RUA D'ALCANTARA, 41-A-B-C-D || RUA DAS FONTAINHAS, N.º 80

FÓCO ELECTRICO Á PORTA

PREDIO TODO

LISBOA

SECÇÃO DE LIVRARIA—EDIÇÕES MODERNAS:

Tratado de Commercio com a Allemanha

Brochado 150 réis—Cartonado 200 réis.

PAUTAS DAS ALFANDEGAS DO REINO, em formato para algibeira, com todas as alterações até 31 de dezembro de 1908.

Brochada 300 rs.—Cartonada 400 rs.

TABELLA DAS TAXAS DOS ARTIGOS COMBINADOS.

Em cartão marfim, preço 50 réis.

Estes 3 livros n'um só volume cartonado,—**500 réis**

FLUCTUAÇÕES, versos por D. Joanna Castelbranco.

Volume 300 réis.

COIMBRA EM FRALDA, 1.º volume da collecção Leituras Impressivas.

Lindamente illustrada—Volume 300.

TABOAS SYNOPTICAS PARA EXAME E ANALYSE DE ALGUMAS FIBRAS, FIOS E TECIDOS, por Armenio Monteiro.

Obra utilissima a todos quantos precisem d'estes conhecimentos.

Lindamente encadernada, 600 rs.

TABOAS formulas e dados praticos para aqueductos, pontes e pontões, contendo 4398 obras e 80936 calculos.

Auctor o engenheiro J. J. Pereira Dias, diplomado pelas escolas estrangeiras.

Unica obra no seu genero **mesmo no estrangeiro**. Indispensavel aos engenheiros, architectos, desenhadores, apontadores, empreiteiros, etc.

Volume em formato proprio para campo, encadernado a percaline *1.000 réis.*

Lições de arithmetica

Segundo o programma das escolas elementares de commercio.

Auctor o major d'engenharia Jorge Cavicho, professor da materia na Escola Elementar do Commercio de Lisboa.

Brochado 450 rs.—Cartonado 600 rs.—Capa de oleado 700 rs.

A Novella—N.º 2 **Os quatro sem firma**, a 15 de Fevereiro.

A apparecer em Fevereiro

AVENTURAS EM AEREOPLANO

Descripções maravilhosas de viagens aereas, maritimas e terrestres, em vapor e em aeroplano, com motores movidos pelo ar atmosferico.

Sensacional. — Preço, lindamente illustrado, 50 réis.

